

# Superação – viver é como velejar, vale vencer!

LARS GRAEL

O momento que vivemos no país é estratégico para a revalorização da educação brasileira. Quando falamos da vocação da cidade do Rio de Janeiro para abrigar grandes eventos, como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, geralmente pensamos no legado para a sociedade em termos de infraestrutura e mobilidade. Porém, a relevância da noção de legado deve

ser compreendida como algo mais amplo: os valores que o esporte pode deixar para a juventude brasileira, através da educação, num país que busca referências éticas, cívicas e morais.

Minha difícil trajetória no esporte apresentou-me uma série de ensinamentos que significam inestimáveis valores para a vida: o sonho pode ser alcançado com treinamento e motivação; a determinação é fundamental; deve-se compreender as oportunidades. A vida de desafios que enfrentei ensinou-me uma máxima: a crise abate, mas a competição motiva. Na medida em que realizamos uma atividade com paixão, uma utopia pode virar um sonho, e este, realidade.

As referências éticas ou de caráter de familiares, amigos e pessoas públicas são essenciais para a formação de cidadãos motivados a serem úteis ao seu país. Na minha vida, tive muitos exemplos morais que começaram em minha família: meu avô, Preben Schmidt, engenheiro dinamarquês que chegou ao Brasil em 1924 e foi um dos precursores da vela de competição no país; meus tios velejadores, Axel e Erik Schmidt, campeões mundiais nos anos 60 e representantes brasileiros

nas olimpíadas de 1968 e 1972; e meus pais, Ingrid e Dickson Grael, este coronel do exército.

Aprendi a conviver com as dificuldades desde a decisão de praticar iatismo, que no Brasil é considerado esporte de elite. Como a tradição de parentes velejadores vinha da parte da família de minha mãe, meu pai, funcionário público de parques recursos, desestimulou a inclinação que eu e Torben Grael, meu irmão, manifestávamos pelo iatismo. Tentei, sem sucesso, enveredar pelo futebol – era um completo fracasso. Até que, em 1974, aos 10 anos, participei, junto com Torben, das competições de iatismo dos Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs) de Campinas (SP), na classe “Optimist”. Depois de uma série de contratemplos, conseguimos um obsoleto e avariado barco achado num matagal. Resultado: fomos os últimos colocados.

Essa foi uma importante experiência de superação que serviria de exemplo durante toda a minha vida. A partir de então, com muito treinamento e motivação, eu e Torben passamos a tomar parte de diversas competições e, ao longo dos anos, ganhamos muitas delas. O ápice de nossa dupla foi o título mundial da classe “Snipe” conquistado no Porto (Portugal), em 1983. Em seguida, mais um imprevisto: nossa dupla teve de ser desfeita por conta de uma oferta esportiva mais interessante para Torben. Tive de convencer meu primo Glenn Henks, que morava na Inglaterra, a voltar, comprar um barco e competirmos juntos no



A VIDA DE  
DESAFIOS QUE  
ENFRETEI  
ENSINOU-ME  
UMA MÁXIMA:  
A CRISE  
ABATE, MAS A  
COMPETIÇÃO  
MOTIVA

Torneio Pré-Olímpico para Los Angeles 1984. Surpreendentemente, ganhamos a vaga na classe “Tornado” ao derrotar a dupla brasileira campeã olímpica de 1980 (Moscou), formada por Alex Welter e Lars Björkström. Entretanto, nas Olimpíadas nosso desempenho foi um fracasso e a dupla se desfez.

Encontrei, a seguir, em Clínio Freitas um novo parceiro de competições. Conquistamos a vaga para as Olimpíadas de Seul (1988) com um barco obsoleto, e vivemos o drama da falta de verba para a compra de material que nos equiparasse aos adversários estrangeiros e a iminência de desistir do sonho olímpico. Nossa complicada situação foi relatada numa nota da coluna do Zózimo, no Jornal do Brasil, o que despertou o interesse de um empresário do setor químico em nos patrocinar. Com esse apoio e nossa determinação, conquistamos a medalha de bronze em Seul – que teve o valor de uma verdadeira medalha de ouro.

A decepção do 8º lugar nas Olim-

piadas de Barcelona (1992) foi agravada com a perda do patrocinador e a desistência de Clínio Freitas após a morte de seu pai. Formei uma nova dupla com Kiko Pelicano, que nos daria a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996). Em 1998, no auge de minha carreira, enquanto participava de uma competição na baía de Vitória (ES), tive minha perna direita decepada por uma lancha conduzida por um inconsequente alcoolizado – resultado da absurda falta de fiscalização na costa brasileira. Minha vida foi salva pelo meu ex-parceiro de vela, Clínio Freitas, e por um clínico geral capixaba que se encontrava no Late Clube local.

Esse acidente e as histórias que conheci, durante o período de recuperação, de diversos heróis anônimos brasileiros representaram um grande incentivo para a minha nova realidade de vida: eu deveria ser útil ao Brasil. Graças à motivação de minha esposa, meus irmãos e meus amigos, voltei às competições seis meses depois do acidente. Encontrei

uma forte inspiração para continuar no esporte no exemplo do atleta húngaro Karoly Takács, bicampeão mundial de tiro no final dos anos 50, que perdera o braço direito na Segunda Guerra e passou a usar o esquerdo com enorme habilidade.

Ao mesmo tempo em que voltava a praticar a vela, recebi um convite para ingressar na vida pública, inicialmente como diretor do antigo Indesp (Instituto Nacional do Desenvolvimento do Desporto), em Brasília. Depois, o então ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, nomeou-me secretário nacional de Esportes, quando, apesar das dificuldades da política e da burocracia, implementamos programas de valorização do esporte na escola. Acredito que seja necessário um maciço investimento em infraestrutura das escolas para que, por meio do esporte, possamos atingir níveis elevados na educação. A cultura e o esporte geram referências morais sólidas para a juventude.

Precisamos nos preocupar com o legado ético e moral para as novas gerações. Particularmente, fui inspirado pelo exemplo de grandes brasileiros como o professor Manoel Tubino (que sempre ressaltou o papel educacional e social do esporte), a campeã paraolímpica Ádria dos Santos, Ayrton Senna e Zico. Por acreditar no princípio de que seja fundamental formar cidadãos, mais do que formar campeões, há 15 anos dei início ao Projeto Grael, em Niterói, que proporciona a inclusão social de alunos da rede pública municipal por meio da conjugação entre o velejar e o ensino profissionalizante. O esporte cria consciência para um mundo melhor, transforma e liberta. Nesse sentido, estou seguro de que as escolas particulares, por sua tradição de educação de excelência, desempenham um papel fundamental na afirmação desses valores.

**Lars Grael é desportista e palestrante**